

DITADURA E CENSURA:

Os motivos para a imprensa ter se calado, se ela realmente se calou.

Resumo

Esse artigo tem como objetivo esclarecer as dúvidas a respeito de como os jornais reagem à censura durante o período ditatorial. Para isso, foi feita uma pesquisa bibliográfica e documental para que um contexto de estudo fosse criado, através de leituras que analisam a época e matérias divulgadas nos próprios jornais que foram censurados, ou apoiavam o golpe militar. Além disso, foram realizadas duas entrevistas com professores dominantes do assunto, ambos do IFCH (Instituto de Filosofia e Ciências Humanas- UNICAMP), para que respondessem com mais clareza os aspectos em dúvida. A partir dos dados coletados, concluiu-se que a imprensa que não estava disposta a aceitar os moldes da repressão, realmente não se calou.

Palavras chave: golpe militar; repressão; jornais; período ditatorial;

Introdução

No dia 1º de abril de 1964, a democracia no Brasil foi interrompida por um golpe militar que foi capaz de reestruturar todo o processo midiático que o país possuía até então.

Essa reestruturação baseou-se no controle total de todos os meios de comunicação, tais como jornal, televisão, cinema, rádio, etc. As expressões divulgadas por esses meios passaram a não ser realmente o que queriam dizer, devido ao estabelecimento da censura prévia ou simplesmente pela “aceitação” definida pela palavra autocensura.

Mas e a imprensa, se ela realmente se calou, foi por medo, interesse ou aceitação?

De que maneira age a política de dominação por cima disso?

Essas dúvidas que surgem sobre uma das épocas mais obscuras e que pouco se sabe da história do Brasil são o tema do artigo. Os questionamentos surgiram após a minha leitura do livro “Um acordo forçado” de Anne-Marie Smith (2000). O livro procura investigar as ações da imprensa, mostrando os diversos tipos de opiniões, contra ou a favor do governo vigente.

Assim, a elaboração do artigo foi determinada para a divulgação no âmbito sociocultural mais ideias a respeito desse período que possui tantas coisas não reveladas, ou que pouco são estudadas no período de Ensino Médio. O aprofundamento no estudo também entra em meu interesse pessoal, pois sempre gostei muito da história do Brasil e me empenhei para saber mais a respeito do tema voltado à repressão feita nos meios de comunicação.

Basicamente, o golpe só conseguiu possuir força para ser implantado por causa do apoio de grandes influências, como emissoras de televisão e grandes jornalistas. O fator irônico desse apoio, é que na maioria dos casos, a imprensa que apoiou o golpe acabou sofrendo a mesma censura que as outras formas de comunicação que eram imparciais ou contra o regime. Se não fosse o papel da mídia, os militares não teriam conseguido tanta força no momento da interrupção da democracia.

(...) jornalistas e jornais – que estiveram a favor do arbítrio, louvando em suas páginas os grandes feitos dos militares, suas conquistas econômicas e a pacificação do país, celebrando a eliminação dos terroristas e dos maus brasileiros que ameaçavam a ordem e o progresso.
(REIS; ROLLEMBERG., 2016)

Até mesmo o presidente (ativo até o golpe ser implantado) João Goulart não era vítima de tanta insatisfação social, e por meio de pesquisas do IBOPE, concluiu-se que houve grande manipulação nos meios de comunicação para que se entendesse que o presidente era realmente vítima de críticas e que sua forma de governo era uma ameaça para o regime capitalista.

Pesquisas feitas pelo Ibope às vésperas do golpe de 31 de março de 1964 mostram que o então presidente da República, João Goulart, deposto pelos militares, tinha amplo apoio popular. Doadas à Universidade de Campinas (Unicamp) em 2003, as sondagens não foram reveladas à época.

Pelos números levantados, Jango, como Goulart também era conhecido, ganharia as eleições do ano seguinte se elas tivessem ocorrido. Entrevistas realizadas na cidade de São Paulo na semana anterior ao golpe mostravam que quase 70% da população aprovavam as medidas do governo. (CECCHERINI, 2014)

A insatisfação estava apenas na minoria da população, a que detinha o monopólio econômico. As atitudes de reforma agrária e tabelamento das áreas urbanas quebrando as leis de oferta e procura fizeram com que a classe média e alta com o apoio da imprensa reagissem contra o presidente: "O Brasil já sofreu demasiado com o governo atual. Agora, basta!" (PONT, 2016). "Só há uma coisa a dizer ao Sr. João Goulart: Saia!" (PONT, 2016). E para que os ditadores continuassem com sucesso a difusão de seus ideais e que a sociedade não se revoltasse, foi necessário o controle rígido dos meios de comunicação e produções artísticas, havendo um bloqueio na liberdade de expressão e a implantação da censura prévia, em que todas as produções eram revisadas antes de serem divulgadas.

Dessa forma, o meu projeto de pesquisa procurou responder a dúvida a respeito das ações da imprensa na época após o golpe, se ela realmente se calou ou se cada opinião expressa no veículo continuou sendo a mesma depois do golpe. E não, quem não quis não se submeteu ao silêncio.

Métodos

O objetivo geral da pesquisa foi chegar à resposta sobre as atitudes da imprensa na época citada. Como os órgãos de repressão ao longo do tempo tornaram-se cada vez mais rígidos (ao longo da entrada de presidentes de caráter opressor), o foco da pesquisa foi perceber se houve alguma voz que não se calou, ou quais foram os métodos utilizados por elas para denunciar ou demonstrar insatisfação à anulação da liberdade de expressão. No contorno desse tema inicial, foi explorado também quais os posicionamentos dos principais jornais da época e quais os métodos de desvio das regras para que não houvesse o silêncio total dos opositores, além de perguntas de caráter pessoal aos entrevistados. Essa linha de pensamento foi seguida durante a entrevista para que houvesse a melhor contextualização do tema principal. Para que o objetivo geral fosse atingido, alguns passos foram seguidos para a coleta de dados.

O livro norteador das minhas ideias e que abriu campo à curiosidade no assunto foi o “Um acordo forçado” de Anne-Marie Smith(2000).

Caracteriza-se por ser uma pesquisa descritiva de caráter qualitativo, que por meios de buscas bibliográficas e documentais, estabeleci tópicos de questionamento que seriam esclarecidos através da entrevista feita com dois professores, um da disciplina História, e outro de Ciências Sociais (ambos professores do IFCH). As perguntas feitas durante a entrevista foram principalmente extraídas a partir das ideias do livro de Anne-Marie, que ao longo de minha leitura pude abrir tópicos de novas dúvidas dentro da própria dúvida inicial.

Para que isso se concretizasse, após as leituras e definições das perguntas a respeito da época, enviei e-mails para definir qual seria o dia melhor para que os professores me atendessem. Assim, as duas entrevistas foram realizadas no mesmo dia, no Instituto de Filosofia de Ciências Humanas numa quarta-feira (dia 6/4) no horário do almoço.

O método realizado para a ação foi focalizado após a leitura de métodos de pauta (GIL, 2008, p. 112), em que encaixei as minhas perguntas escritas em papel (APÊNDICE 1) para que eu delimitasse o segmento da entrevista. Não houve apenas a coleta de dados à respeito do foco inicial do artigo, como também a respeito do envolvimento dos entrevistados com a época ditatorial, tanto em suas vidas pessoais quanto profissionais. O material foi coletado por meio de um gravador eletrônico no celular. E como última etapa, elaborei o texto por meio da demonstração do segmento da entrevista, referenciando exemplos da literatura e da própria imprensa.

Resultados

As entrevistas realizadas com sucesso ocorreram no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp numa quarta-feira dia 6/4. Às onze e meia houve a entrevista com o professor Edgar Salvadori de Decca, em uma das salas do prédio de pós-graduação do instituto. O professor atualmente é titular da Unicamp atuando na área de História, com ênfase em História do Brasil República, publicou 26 artigos em periódicos especializados e 40 trabalhos em canais de eventos. Também possui 36 capítulos de livros e 9 livros publicados. Concluiu o doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo em 1979.

A uma e meia da tarde houve a entrevista com o professor Marcelo Siqueira Ridenti, professor titular de Sociologia na Unicamp com experiência nos seguintes temas: cultura/ arte e política/ esquerda brasileira/ intelectualidade brasileira/ pensamento marxista/ ditadura militar brasileira/ anos 1960. É graduado em Ciências Sociais (1982) e em Direito (1983) na Universidade de São Paulo, onde se doutorou em Sociologia (1989).

Tais professores foram escolhidos devido a suas experiências no assunto da época da ditadura militar no Brasil. Seguindo a pauta escrita após a pesquisa bibliográfica (APÊNDICE 1), principalmente após a leitura do livro de Anne-Marie Smith, para que houvesse a introdução do assunto e a resposta do tema principal do artigo, os professores contaram se em vida já sofreram alguma repressão na época ditatorial. Durante a época, o professor Edgar chegou a estudar e dar aula. Assim, segundo suas palavras, precisou ter um certo cuidado tanto como aluno –ao ouvir- e depois como professor. Sua formação foi toda durante o período, e teve sérios problemas relacionados à censura, pois algumas leituras eram consideradas subversivas. Nos jornais, lia receitas de bolo que eram lançadas no lugar de alguma notícia censurada, e houve a repressão tanto na arte do país quanto nas universidades quanto ao controle da “liberdade” de expressão. Porém, existiam os meios de comunicação que utilizavam metáforas e figuras de linguagem para conseguirem expressar suas opiniões sem serem censurados e dessa forma, só os “fortes” compreenderiam. Sua história tornou-se digna de livros de aventura em 1970 quando saiu do país para não correr o risco de ser pego pelos militares, pois possuía muitos amigos com ideias consideradas subversivas por eles. O professor definiu-se como um “hippie”, pois saiu à procura de novos “ares”, e saiu

do Chile e foi até San Diego de carona. Ficou um ano e 8 meses fora, e em 1977 veio para a Unicamp.

Já o professor Marcelo, entrou na primeira série do primeiro grau em 1966 e saiu da faculdade em 1983. Assim, foi um exemplo típico de quem estudou sob uma ditadura a vida toda. Em 1977 (ano da abertura política de Geisel) entrou na universidade, ambiente em que mesmo em época de redemocratização ainda possuía muito medo de se expressar. Felizmente não sofreu nenhum tipo de repressão, mas ele lembra que em São Paulo possuía professores que apoiavam a ditadura, sendo o reitor na época a favor também. A partir de 1974 a possibilidade de leitura de autores antes “subversivos” tornou-se viável, como Marx e Weber. O problema de censura com a ditadura era mais em “massa”, como nos jornais e televisão, e na esfera acadêmica não havia tanta repressão pois não passava para um grande público.

Seguindo a entrevista, a resposta de cada professor para a dúvida principal do artigo (se a imprensa se calou ou não) seguiu praticamente o mesmo tipo de resposta. O professor Edgar foi incisivo, dizendo que não, ela não se calou. Logicamente, a imprensa dividiu-se em quem era a favor e contra o militarismo, pois houve quem acreditava que os comunistas eram um perigo ao país, e quem era a favor da democracia e contra a repressão. Para ele, isso deve ser lido dividindo os períodos, pois de 1964 a 1968 a imprensa alternativa era muito forte. Essa imprensa eram jornais muito críticos e de esquerda que circulavam normalmente. (Exemplos de jornais alternativos: O Pasquim, O Bondinho, Opinião, Lampião, Versos e Movimento). Não se posicionavam apenas politicamente, mas também tratavam de aspectos culturais e sociais.

O Pasquim teve o mérito de fazer o povo rir da ditadura. Sofreu bastante com a censura e, em mais de uma ocasião, seus realizadores foram presos. Em determinado momento, toda a redação foi presa. Chegou a vender 200 mil exemplares em meados dos anos 1970. *O Pasquim* sobreviveu à ditadura, parando de circular só em 1991, já bastante descaracterizado. (DITADURA, 2016)

Porém, o período de 68 foi o grande divisor de águas (com o Ato Institucional número 5). Aí sim houve realmente os jornais que se calaram, mas ainda existiam os que não aceitavam aquela forma de censura.



Figura 1: Declaração na imprensa da entrada do AI-5
Fonte: (SALVADOR NETO, 2015)

Muitos jornais independentes e até mesmo a grande imprensa (como O Estado de São Paulo) não podiam dizer o que sabiam, e como forma de protesto ao que era censurado, colocavam receitas de bolo (por exemplo) no lugar das notícias consideradas perigosas ao pensamento da nação. Um canto dos Lusíadas também foi publicado em forma de protesto.



Figura 2: Versão censurada e publicada de O Estado de São Paulo
Fonte: (ESTADÃO, 2016)

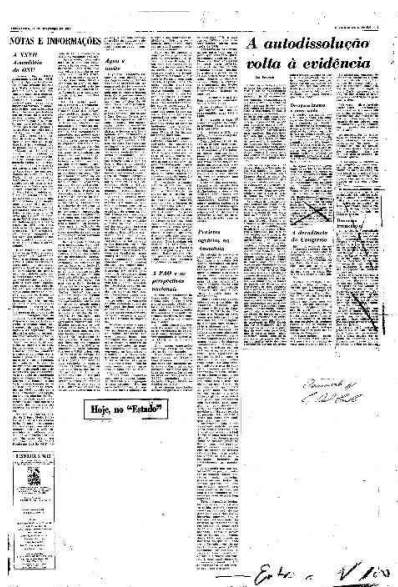
A Folha de São Paulo, por exemplo, dizia que se “autocensuraria”, e ela mesma optou por se policiar. Até hoje, críticas dizem que ela era/é o jornal do “outroladismo” pois nunca definiu sua posição política. Já O Estadão e a Veja não quiseram se desdobrar à censura.

A resposta para a dúvida norteadora segundo o Professor Marcelo também definiu-se na questão da ambiguidade presente nos jornais. Ou seja, ora havia a imprensa que apoiava, ora a que era contra. Ele citou o exemplo do jornal mais conhecido da época, o Correio da Manhã, pois fez um editorial de grande repercussão chamado “basta” a favor do golpe, mas que após a instituição da ditadura sofreu os moldes da censura.



**Figura 3: Correio da Manhã (Rio), 1º de abril de 1964: “(?) Estados já em rebelião contra JG”.
Editorial clama pela deposição de João Goulart: “Fora!”.
Fonte: (MAGALHÃES, 2014)**

Outro exemplo, O Estadão, era a favor no início, mas após o AI-5 passou a ser crítico (de forma leve e conservadora, porém).



**Figura 4: Matéria censurada de O estado de São Paulo no dia 19 de setembro de 1972.
Fonte: (ESTADAO, 2016)**

Na opinião do professor, na literatura lê-se muitas atitudes heroicas, mas havia muitos jornais coniventes à ditadura. E semelhante ao que foi dito pelo professor Edgar, para Marcelo, os jornais que não se calaram fizeram parte da imprensa alternativa. Todavia, mesmo que houvesse a imprensa conivente à ditadura e a que não se calou, havia sim o medo, e para que ludibriassem a censura, utilizavam metáforas e figuras de linguagem.

Na opinião dos professores, seguindo a ordem de entrevista, os atos mais absurdos praticados pelos militares durante todo o período foram: A tortura e as todas as outras consequências da imposição do Ato Institucional 5. Para o Professor Edgar, as dimensões que os atos de horror da época chegaram, nunca existiriam hoje em dia. A difusão de ideias antigamente era de maneira oral e pouco se sabia a respeito de tudo, além da demora ao chegarem as notícias de tortura. Hoje, com a internet, facilmente todos saberiam.

Ao final das entrevistas, perguntei aos professores se em suas opiniões ainda hoje existe a repressão aos meios de comunicação. E não, nenhum dos dois concorda com essa ideia. Para Edgar, os próprios editores dos jornais são “politizados” a ponto de não causarem tanta polêmica, mas que possuem sim suas posições políticas bem definidas. Por exemplo, O Estado de São Paulo possui um editorial liberal contra o governo, mas em outros jornais há jornalistas completamente a favor. Já A Folha possui outra estratégia, dizendo que é um jornal de “todos”, colocando em sua formação um profissional conservador, de esquerda, liberal,

etc, e faz uma “salada de frutas” para que cada leitor se identifique com alguma opinião.

Já a mesma coisa para o Professor Marcelo define-se pela liberdade total de expressão, mas que o próprio meio de comunicação possui sua ditadura provocada pelas grandes empresas. As famílias que controlam essa “ditadura” são da Rede Globo, Editora Abril, Folha de São Paulo, o Estadão, e a rede Bandeirantes de televisão. Para ele, essas empresas dominam toda a comunicação do país, e de maneira antidemocrática qualquer crítica contra elas, consideram uma forma de censura. O Professor citou que hoje há um grande movimento para a tentativa de dar voz aos outros setores da sociedade de comunicação e não apenas a essas cinco grande vozes. Concluindo, elas são a repressão aos menores, e usam o controle e doutrinação da expansão de uma ideologia que elas defendem: o neoliberalismo. Elas não são perseguidas, mas sim perseguem.

Considerações finais

A partir dos resultados obtidos pela entrevista e por leituras a respeito do que foi dito pelos professores, posso afirmar que a imprensa (opositora) realmente não se calou. Quem queria falar, conseguiu se posicionar. Após 1968 com a imposição do Ato Institucional número 5 que intensificou as torturas e anulou o direito de habeas corpus, o número de opositores diminuiu logicamente, mas mesmo assim não houve o sumiço completo de quem quis ir contra o militarismo até o seu fim. No geral, o medo foi substituído pela necessidade, para que vidas fossem poupadas.

O tema foi escolhido devido às dúvidas existentes sobre a época, principalmente para mim, que acabei de sair do ensino médio onde pouco se estuda a respeito do posicionamento dos meios de comunicação contra a repressão. Com a finalidade de concluir os diferentes tipos de opiniões, é interessante enfatizar a existência da imprensa alternativa, que realmente posicionou-se satiricamente contra as ações dos militares. A condução do tema por meio da entrevista trouxe uma grande contribuição para o trabalho, pois os professores são especializados no tema e possuem grande bagagem literária e acadêmica sobre o assunto.

Esse artigo exemplificou diferentes tipos de notícias impressas e conseguiu descrever como os grandes formadores de opiniões da época conseguiram se posicionar. Como forma de relacioná-lo ao período atual, os professores indicaram suas opiniões caso a repressão exista até hoje, e foi concluído que não, pois há a liberdade completa.

Deixo como sugestão a possibilidade de desenvolvimento de novos artigos sobre isso, focalizando na censura em outros meios de comunicação, como televisão, rádio e cinema. A ambiguidade presente em todos eles é de tamanha extensão que ainda não se tem o número suficiente de estudos sobre todos. (Ambiguidade definida por opiniões a favor e contra o golpe militar).

Referências

CECCHERINI, Mauro. **Jango tinha 70% de aprovação às vésperas do golpe de 64, aponta pesquisa**. 2014. Disponível em:

<<http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/POLITICA/464707-JANGO-TINHA-70-DE-APROVACAO-AS-VESPERAS-DO-GOLPE-DE-64,-APONTA-PESQUISA.html>>. Acesso em: 19 abr. 2016.

DITADURA, Memórias da. **Imprensa Alternativa**. Disponível em:

<<http://memoriasdaditadura.org.br/imprensa-alternativa/>>. Acesso em: 25 abr. 2016.

ESTADÃO, Acervo. **Censuradas**. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/>>. Acesso em: 20 abr. 2016.

ESTADAO, Acervo. **Páginas censuradas de O Estado de São Paulo**. Disponível em:

<<http://acervo.estadao.com.br/paginas-censuradas/>>. Acesso em: 23 abr. 2016.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas , 2008. 200 p

MAGALHÃES, Mário. **19 capas de jornais e revistas: em 1964, a imprensa disse sim ao golpe**. 2014. Disponível em:

<<http://blogdomariomagalhaes.blogosfera.uol.com.br/2014/03/31/19-capas-de-jornais-e-revistas-em-1964-a-imprensa-disse-sim-ao-golpe/>>. Acesso em: 22 abr. 2016.

PONT, Clarissa. **As manchetes do golpe militar de 1964**. Disponível em:

<<http://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/As-manchetes-do-golpe-militar-de-1964/4/15195>>. Acesso em: 19 abr. 2016.

REIS, Daniel Aarão; ROLLEMBERG., Denise. **Censura nos meios de comunicação**. 2009.

Disponível em: <<http://www.memoriasreveladas.arquivonacional.gov.br/campanha/censura-nos-meios-de-comunicacao/>>. Acesso em: 4 de abril de 2015.

SALVADOR, Neto. **CIA: AI 5 transformou o Brasil em abertamente autoritário**. Disponível em: <<http://www.palavralivre.com.br/2015/07/cia-ai-5-transformou-o-brasil-em-abertamente-autoritario/>>. Acesso em: 23 abr. 2016.

SMITH, Anne-marie. **Um acordo forçado: O consentimento da imprensa à censura no Brasil**. Pittsburgh: Fgv, 2000. 262 p.

APÊNDICE 1- Roteiro da entrevista

Especificações técnicas

- Contexto: censura na imprensa na época da ditadura, por Elisa Lino de Souza.
- Método de registro: gravador eletrônico digital (celular);
- Número de entrevistados: 2 pessoas.
- Tempo a ser despendido: de 15 a 20 minutos em cada entrevista.
- Circunstâncias: alguma sala disponível no IFCH.
- Tipo de entrevista: por pautas.

Instruções para o entrevistador

- **1.** Apresentar os objetivos da pesquisa: o estudo a ser feito procura entender quais eram as formas com que a imprensa agia sob a censura, se ela realmente se calou, quais eram suas maneiras de “burlar” as regras e quais os posicionamentos dos principais jornais da época. A entrevista procura compreender todos esses aspectos.
- **2.** Percorrer os tópicos, mantendo o foco na pesquisa e o interesse dos entrevistados.
- **3.** Respeitar o tempo dos professores entrevistados.

Tópicos

- Você em vida já sofreu alguma repressão na ditadura? (Tanto na vida pessoal quanto vida profissional).
- Se a imprensa se calou, ela fez isso por aceitação real, autocensura ou medo?
- Pode-se dizer que a cultura política de controle nas comunicações ainda existe hoje?
- Na sua opinião, qual foi o ato mais absurdo praticado pelos militares na questão de anulação dos direitos civis?
- Alguma consideração final?